



Universidade de Brasília

CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM, E PARA, OS DIREITOS
HUMANOS NO CONTEXTO DA DIVERSIDADE CULTURAL

**DIVERSIDADE CULTURAL NA ESCOLA: O DESAFIO DE PACIFICAR AS
DIFERENÇAS**

Sthella Laryssa Barros Loureiro Lima

Brasília, DF

2015

Sthella Laryssa Barros Loureiro Lima

DIVERSIDADE CULTURAL NA ESCOLA

O DESAFIO DE PACIFICAR AS DIFERENÇAS

Monografia apresentada ao curso de Pós-Graduação, Lato sensu em Educação em, e para os Direitos Humanos no Contexto da Diversidade Cultural, da Universidade de Brasília – UNB, como requisito a obtenção do título de especialista em Educação em, e para os Direitos humanos no Contexto da Diversidade Cultural.

Orientadora: Prof. Dra Diana Gerber.

Brasília, outubro de 2015

Sthella Laryssa Barros Loureiro Lima

**DIVERSIDADE CULTURAL NA ESCOLA: O DESAFIO DE PACIFICAR AS
DIFERENÇAS**

Monografia apresentada ao curso de Pós-Graduação, Lato sensu em Educação em, e para os Direitos Humanos no Contexto da Diversidade Cultural, da Universidade de Brasília – UNB, como requisito a obtenção do título de especialista em Educação em, e para os Direitos humanos no Contexto da Diversidade Cultural.

Orientadora: Prof. Dra Diana Gerber.

Aprovada em de de

Banca examinadora:

Prof^{fa}

Examinador

Prof^{fa}

Orientador

Brasília – DF

2015

Dedicatória

Dedico este trabalho aos familiares e amigos que muito colaboraram para a realização deste trabalho.

Agradecimentos

Agradeço a luz maior que me guia nesta existência e a todos os anjos carnis e espirituais que me auxiliaram na condução deste trabalho.

Agradeço especialmente aos meus familiares:

As minhas “mães” Maria Fatima Barros Loureiro e Nadja Maria Loureiro.

Aos meus irmãos e comadre: Euclides Barros, Sandro Antônio Loureiro e Kareline Cavalcante Loureiro por acreditarem no meu potencial.

Agradeço e dedico em memória de Estelina Barros Loureiro, minha eterna fonte de inspiração.

Os(as)educadores(as) não poderão ignorar, no próximo século, as difíceis questões do multiculturalismo, da raça, do poder, da identidade, do conhecimento, da ética e do trabalho que, na verdade, as escolas já estão tendo que enfrentar. Essas questões exercem um papel importante na definição do significado e do propósito da escolarização, no que significa ensinar e na forma como os(as)estudantes devem ser ensinados(as) para viver em um mundo que será amplamente mais globalizado, high tech e racionalmente diverso que em qualquer outra época da história.

Henry Giroux

RESUMO

O presente estudo de cunho qualitativo teve como alvo, avaliar o impacto obtido com a abordagem sobre Diversidade cultural na formação de alunos na Escola Estadual Jenny Gomes. Tem como finalidade refletir sobre a problemática oriunda dos conflitos referentes a diversidade cultural nas escolas e as consequências dessa interação de culturas. A investigação é guiada pelas seguintes indagações de pesquisa: *1) qual é o nível de conhecimento dos alunos sobre diversidade cultural? 2) Quais os fatores subjetivos que auxiliam ou dificultam a aplicação do tema em sala de aula? 3) Quais os impactos da sua abordagem na formação social dos alunos?* A pesquisa foi desenvolvida na Escola Estadual Jenny Gomes. Buscou-se desenvolver uma educação apoiada na racionalidade comunicativa de Habermas, na dialogicidade de Freire, compreendendo-se que a diversidade na escola é um tema de extrema importância para a formação social a ser explorada. Para a investigação, apoiamos-nos na Metodologia Comunicativa crítica de pesquisa que têm o diálogo e a construção social como pilar. Os sujeitos da pesquisa foram os alunos da Escola Jenny Gomes, uma instituição estadual de ensino Fundamental e os professores da disciplina de história. Os instrumentos de coleta de dados e recursos foram: a) as oficinas, em que foram aplicados questionários para alunos e para o professor da turma, b) Observação comunicativa, c) Grupos de discussão com os próprios alunos. Os dados foram colhidos entre os meses de agosto e outubro de 2015. Em linhas gerais, o estudo apresenta a possibilidade de popularizar o conhecimento sobre Diversidade Cultural e as possíveis e notáveis mudanças que serão apresentadas através da conscientização e conhecimento sobre os temas aos referidos alunos em sua formação inicial.

PALAVRAS-CHAVE: Diversidade cultural / Escola/ Pacificação das diferenças

ABSTRACT

This qualitative approach study was aimed to assess the impact achieved with the approach on cultural diversity in the training of students in the State School Jenny Gomes. It aims to reflect on the problems arising from conflicts related to cultural diversity in schools and the consequences of that interaction of cultures. Research is guided by the following research questions: 1) what is the level of knowledge of students about cultural diversity? 2) What are the subjective factors that help or hinder the subject of application in the classroom? 3) What are the impacts of their approach in the social formation of students? The research was conducted in the State School Jenny Gomes. We sought to develop a supported education in communicative rationality Habermas, in dialogicity Freire, understanding that diversity in schools is an extremely important issue for the social formation to be explored. For research, we support them to me in Communicative Methodology research critical to have dialogue and social construction as a pillar. The subjects were students of the School Jenny Gomes, a state institution of elementary school and the teachers of the discipline of history. The data collection instruments and resources have been: a) workshops, where questionnaires were applied to students and the class teacher, b) communicative observation, c) Group discussions with the students themselves. Data were collected between August and October 2015 In general, the study presents the possibility of popularizing knowledge on cultural diversity and potential and notable changes to be presented through awareness and knowledge of the issues to such students in their initial training.

KEYWORDS: Cultural / School / Pacification of differences

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 Histórico	10
2 O Tema : Diversidade Cultural	11
3 A proposta de desenvolvimento do tema	12
4 Justificação da escolha	12
5 Objetivo	12
5 Metodologia	13
6 Descrição da estrutura do trabalho.....	13
CAPITULO I – QUADRO CONCEITUAL DE BASE	14
1.1 Cultura e ideologia: Suas inter-relações	14
1.2 Uma escola de todos	16
1.3 Formação do professor e diversidade cultural	18
CAPITULO II – PERSPECTIVA DE INTEGRAÇÃO DA DIVERSIDADE A EDUCAÇÃO ESCOLAR: UMA PROPOSTA PARA SE PENSAR SOBRE IGUALDADE	
2.1 A realidade sobre diversidade cultural no Brasil.....	21
2.2 Diversidade e Escola	25
1.3 Diversidade e currículo escolar	27
CAPITULO III – APRESENTAÇÃO DA INVESTIGAÇÃO	34
3.1 Introdução	34
3.2 Características dos alunos	34
3.2.1 Turmas: 6ª série	34
3.2.2 Turma: 7ª série	34
3.2.3 Turma: 8ª série	34
3.3 Análise participativa	35
3.3.1 Análise sobre as respostas dos alunos	35

3.3.2 Turma: 7ª série	35
3.3.3 Turma: 8ª série	35
3.4 Apresentação dos dados relativamente aos questionários aplicados aos alunos	35
3.4.1 O tema diversidade cultural é abordado em sala de aula pelos professores? Sim/Não – Quais são os temas abordados?	35
3.4.2 Considera que os temas em destaque neste trabalho (xenofobia/ racismo/ sexismo/ intolerância religiosa/ morfofobias/ elitismo/ fobias da sexualidade/ etarismo), irão contribuir para sua formação como cidadão?	36
3.5 Análise sobre os objetivos	36
3.5.1 Primeiro objetivo: Analisar como é vista a diversidade cultural pelos educandos	36
3.5.2 Segundo objetivo: qual é o nível de conhecimento dos alunos sobre diversidade cultural?	36
3.5.3 Terceiro objetivo? Quais os fatores subjetivos que auxiliam ou dificultam a aplicação do tema em sala de aula?	37
3.5.4 Quarto objetivo: Quais o impactos da sua abordagem na formação social dos alunos?	37
3.6 Análise geral sobre as respostas dos alunos ao questionário	38
3.6.1 Análise sobre as respostas dos alunos ao questionário	38
3.6.2 Análise sobre as respostas dos professores ao questionário	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
BIBLIOGRAFIA	42
ANEXOS	47

INTRODUÇÃO

1 - O Histórico

A sociedade brasileira é formada por uma diversidade sociocultural ampla, clamando urgência as instituições escolares para que construam e avancem na abordagem com discussões sobre as diversidades entre os educadores com o propósito de capacitá-los ao reconhecimento e o respeito a multiculturalidade. Nesse contexto, propõe-se uma pesquisa na qual a diversidade cultural seja investigada de maneira sistemática nos processos de formação de professores, oferecendo a estes, capacidade de desenvolvimento do tema e uma melhor aplicação dos conhecimentos, trazendo em consequência bons resultados no trabalho através da receptividade e aproveitamento dos educandos na escola.

O interesse pelo tema se dá, devido as atividades desenvolvidas durante o curso de Especialização em Educação em, e para os Direitos Humanos no contexto da Diversidade Cultural na Universidade de Brasília, e a partir do conhecimento de temas transversais desenvolvidos neste cursos que trouxeram uma abordagem sobre o tema da diversidade cultural e inúmeras reflexões sobre a invisibilização da diversidade em nossas escolas. Como salienta (ROCHA, p.9, 2004):

“(…) a sociedade do “eu” é a melhor, a superior. É representada como o espaço da cultura e da civilização por excelência. E onde existe o saber, o trabalho, o progresso. A sociedade do “outro” é atrasada. É o espaço da natureza. São eles os selvagens, os bárbaros. São qualquer coisa menos humanos, (...)”

Destarte, além do interesse pessoal em levar esta discussão para as sala de aula tendo em vista sua importância social, o tema foi elegido por ser enfatizado nesse curso, sendo também um dos motivos que levaram ao desenvolvimento dessa diminuta reflexão, que se caracteriza como um trabalho de estudo de caso, juntamente com a pesquisa bibliográfica a cerca da temática da diversidade cultural.

Neste sentido, o presente trabalho é o resultado de uma pesquisa de campo realizada com professores e alunos das 6ª, 7ª e 8ª séries do Ensino Fundamental de uma Escola Estadual Jenny Gomes na cidade de Salvador, Estado da Bahia, tendo como alvo a análise comportamental dos alunos diante do conhecimento ou do possível desconhecimento sobre o tema, bem como, sobre a observação da abordagem efetuada

pelos educadores em salas de aula a respeito do tema e seus impactos na formação do educando.

Além disso, avaliar como a escola tem encarado o dilema de apresentar uma forma de aprendizagem pautada no respeito as diversas culturas, as quais os seus alunos estão imersos – e construindo uma forma de ensino essencialmente baseada na formação do aluno em seu aspecto social, cultural e socio-emocional. Colaborando desta forma para a construção, manutenção e ampliação de um espaço escolar que reproduza através da formação dos alunos, indivíduos portadores de comportamentos solidários e conscientes das diferenças e do respeito mútuo em qualquer ambiente.

2 - O tema : Diversidade Cultural

Tratar sobre diversidade cultural na escola tem uma finalidade nobre e essencial, uma vez que o esteio utilizado como ponto de partida, é o da Educação como uma prática social. A respeito da diversidade cultural tema recorrente no contexto escolar, Soares (2003, p.165) ressalta que:

“O grande desafio que se coloca é a necessidade de entender a relação entre cultura e educação. De um lado está a educação e do outro a ideia de cultura como lugar ou fonte, de que se nutre o processo educacional, onde se formam pessoas e consciência.”

Nesta perspectiva, o tema em destaque é quase sempre uma questão polêmica, visto que todo o sistema educacional foi criado a partir de uma cultura eurocêntrica, desta forma, o outro, o ser que não se enquadra no perfil físico esperado é posto no patamar da invisibilidade, uma vez que, senão está conforme os padrões estereotipados, não possui valor e inexistente. Ainda nesse contexto, vale registrar que há um pensamento sarcástico do filósofo Jean-Paul Sartre, em que ele conhecido por suas críticas ao colonialismo francês, reproduz fielmente a prepotência da cultura eurocêntrica:

Era tão natural ser francês. Era o meio mais simples e econômico de ser universal. Os outros é que deviam explicar por que falta de sorte ou culpa não eram completamente homens” (citado por RIBEIRO, 1979: pág. 75).

Nesse sentido, deve-se dizer que não está colocando-se em discussão os valores e a importância gradual dos conhecimentos oriundos da cultura européia, na verdade realiza-se uma análise crítica sobre a busca e os interesses destes, de se colocarem como supremos, em relação a qualquer outra cultura mundial.

Insta observar ainda, que a invisibilização e a marginalização das culturas classificadas como inferiores pela supremacia da cultura europeia na escola, apresenta-se de inúmeras formas, em especial, no currículo e nos livros. Convém notar que, até em cidades cuja população é em sua maioria afrodescendente, como a título de exemplo, a cidade de Salvador, na Bahia, observa-se que as escolas, em boa parte, abstraem de seus conteúdos disciplinares informações sobre esses sujeitos alvo de discriminações, reforçando a maneira conservadora como a educação vem se limitando. Em consonância com o acatado, Arroyo (2007, p. 119) destaca que:

O sistema escolar tem sido uma das instituições mais reguladoras da sociedade. Regula os tempos de pesquisa e os conhecimentos que considera como legítimos, regula os valores, culturas, memórias, identidades a partir de padrões universalistas ou generalistas construídos sem um diálogo com a alteridade e a diversidade.

Destarte, presumo que os temas principais no que tange ao processo de ensinagem-aprendizagem que considero como os maiores desafios da instituição de ensino – seja diversidade cultural e sexualidade. A estimativa está pautada no fato de serem assuntos classificados como tabus, imersos de moralidade, atingidos pela história de opressão que constrói uma grande parte de nossa história.

3 - A proposta de desenvolvimento do tema

A proposta de desenvolvimento da temática apresentada também traz em seu enredo, as dificuldades que a escola sofre para lidar com a diversidade. As diferenças tornam-se problemas ao invés de possibilidades para construir saberes em distintas categorias de aprendizagens. Em regra, a escola é o lugar em que todos os alunos devem ter as mesmas oportunidades, mas com estratégias de aprendizagens diferentes, visto que cada aluno possui formas diferentes de compreensão.

4 - A justificação da escolha

Quanto a justificação da escolha deste tema, resume-se pelo fato de ser um assunto em destaque atualmente, visto que a diversidade cultural se apresenta como uma das mais notórias características da nossa sociedade, e conseqüentemente ela também se faz presente na instituição escolar, distribuindo automaticamente seus reflexos através da comunicação e interação dos jovens.

5 - Objetivo

Em virtude da realização deste trabalho, busca-se como objetivo principal:

Analisar como é vista a diversidade cultural pelos educandos.

Dentre esse objetivo, avaliar conseqüentemente:

- a) Como os alunos estão encarando este trabalho de intervenção realizado em sala de aula através da Aprendizagem-colaborativa pautada no tema “Diversidade Cultural e quais são serão os impactos percebidos ao finalizar esse trabalho.
- b) Saber quais são os benefícios que a diversidade cultural traz para o ensino-aprendizagem.

O fim determinado é superar as desigualdades sociais. “A inclusão é o teorema da Educação como instrumento de justiça social” (CONNEL,1997). A inserção dos sujeitos da diversidade através da incorporação da ideologia da igualdade em suas diferenças com base no respeito mútuo. “A atenção à diversidade, pois, como projeto cultural e educativo, implica o desafio de formar o caráter e o espírito das novas gerações” (IMBERNÓN, 1999). Como sujeitos da diversidade na função de pais, irmãos, amigos e colaboradores, a finalidade em democratizar a diversidade de acordo com Gusmão (2003) “nos espelha como parte das relações de poder que nos envolve em todas as dimensões da vida vivida, no nosso cotidiano e até mesmo ali onde sequer suspeitamos da sua existência” (p. 89-90).

6 - Metodologia

No que tange a metodologia aplicada, o trabalho classifica-se dentro do modelo de estudo de caso, juntamente á pesquisa bibliográfica, onde recorrem-se ao método descritivo, o qual pressupõe a descrição e interpretação da realidade em sala de aula da Instituição Escolar Jenny Gomes, face a diversidade cultural.

A pesquisa bibliográfica consistirá no estudos das teorias de vários autores tais como Candau (1998), Sacristan (2002), Freire (1998), entre outros, possibilitando um conhecimento teórico mais amplo sobre o tema em estudo, que servirá de apoio para fundamentação de idéias que envolvam a pluralidade de culturas nas escolas. O desenvolvimento desta pesquisa consistirá, então, na leitura de autores que fizeram investigações sobre o tema em estudo.

Será realizado uma entrevista através de questionários semi-abertos aos alunos e professores, cuja amostra será composta dos professores de história da 6ª, 7ª e 8ª série de uma escola pública estadual. Após a coleta de dados, será realizada a organização e análise do material recolhido, seguindo-se a interpretação das observações e conclusões.

O presente trabalho compõe-se de vários itens, como **resumo** onde é feita uma apresentação sumária dos principais resultados e conclusões do trabalho. A **introdução**, onde se faz a apresentação e descrição do problema, bem como do objetivo do trabalho.

O resultado desta pesquisa está estruturado em três capítulos. No Capítulo I, é apresentado o quadro conceitual de base. Faz-se uma descrição dos estudos obtidos através dos dados bibliográficos sobre as relações entre escola, aluno e diversidade. O segundo capítulo, foi reservado à perspectiva de integração da diversidade a educação escolar: uma proposta para se pensar sobre igualdade. Neste capítulo apresenta-se o marco teórico que fundamenta a pesquisa e as principais categorias desenvolvidas no decorrer da pesquisa.

O capítulo III foi reservado a apresentação dos resultados. São apresentados as observações percebidas em sala de aula a respeito da abordagem dos educadores sob a perspectiva da diversidade cultural, o nível do conhecimento dos alunos sobre o tema, bem como a aceitação ou não dos educandos a temática e os impactos da abordagem sobre a sua formação.

Capítulo I

1.1 Cultura e ideologia : suas interrelações

A conflituosidade que se apresenta na relação de aprendizagem ao educar para a diversidade cultural põe na relação educador-educando a necessidade de uma capacidade de ouvir e olhar sob o ponto de vista do outro - de forma a permitir o diálogo possível. Desta forma, uma educação baseada na Diversidade Cultural significa romper com distintas formas de interpretar, descontentar-se com as injustiças, permitir que surjam os conflitos e administrá-los à luz do diálogo, pautando-se na solidariedade em direção ao outro, sensibilizar-se com a dor alheia, transformar o estabelecido, construir novos direitos e deveres, respeitar as diferenças e enfatizar a democracia participativa.

A história da educação em nosso país, é marcada principalmente pelas relações de gênero e raça e justamente nesse ponto é que os Temas Transversais são

emancipadores, pois permite colocá-los como temas relevantes e de extrema importância na roda de conversa da educação. A escola é um espaço formado por uma população com diferentes grupos étnicos, com seus costumes e tradições. É o que afirma Morin (2001, p. 56):

“a cultura é constituída pelo conjunto dos saberes, fazeres, regras, normas, proibições, estratégias, crenças, idéias, valores, mitos, que se transmite de geração em geração, se reproduz em cada indivíduo, controla a existência da sociedade e mantém a complexidade psicológica e social. Não há sociedade humana, arcaica ou moderna, desprovida de cultura, mas cada cultura é singular. Assim, sempre existe a cultura nas culturas, mas a cultura existe apenas por meio das culturas.”

Contudo, as diferenças culturais não são os únicos problemas no âmbito escolar, visto que, é notório a falta de preparo, a falta de compromisso de algumas instituições com a causa, falta politicidade e eticidade, embora o tema atualmente seja abordado em algumas escolas estaduais de forma interdisciplinar. A verdade é que ser professor significa ir além de passar o conhecimento, conforme salienta Pérez Aguirre (1997, p.7):

[...] educar é a arte de fazer com que aflore tudo que há de mais formoso, mais valioso, mais digno, mais humano que existe no coração de cada pessoa. É possibilitar o desenvolvimento de seus talentos, de suas capacidades, seus dinamismos positivos mais pessoais.

Desse modo, a diversidade cultural deve ser abordada, considerando as relações dos educandos com sua família, crenças, cultura e o meio social - de forma a fazer uma correlação com suas origens, determinando as categorias a que pertence. Perrenoud (2000, p. 90), afirma que encarar o desafio de sugerir um ensino que respeite a cultura da comunidade revela verificar cada realidade social com o cuidado de delimitar um projeto pedagógico que possa abranger a todos. “Pois a cultura é o modo próprio de ser do homem em coletividade, que se realiza em parte consciente, em parte inconscientemente, constituindo um sistema mais ou menos corrente de pensar, agir fazer, relacionar-se, posicionar-se perante o Absoluto, e, enfim, reproduzir-se” (GOMES, 2008. P.36).

De forma que o conceito de ideologia é visto de forma contrária ao conceito elaborado de cultura, visto que aquele foi construído com a finalidade de fazer revelar a sociedade ocidental.

Transcreve-se por derradeiro que Althusser (1983) foi um dos primeiros autores a fazer declarações e a colocar em destaque a função da escola no que tange a

reprodução das capacitações exigidas pela sociedade. O referido autor ressalta a escola como Aparelho Ideológico de Estado (AIE). Insta observar que para Althusser, a escola é um instrumento da classe economicamente dominante, detentora do poder político, para a reprodução das relações sociais que favorecem a continuidade desta classe no poder, e conseqüentemente mantém as relações de dominação e submissão existentes. Impõe-se dissecar que para Althusser é por meio dos Aparelhos Ideológicos de Estado que a ideologia funciona. Desta forma, classifica-se como Aparelhos Ideológicos de Estado:

O AIE religioso (o sistema das diferentes Igrejas), o AIE escolar (o sistema das diferentes escolas públicas e particulares), o AIE familiar, o AIE jurídico, o AIE político (o sistema político de que fazem parte os diferentes partidos), o AIE sindical, o AIE da informação (imprensa, rádio-televisão, etc.) (ALTHUSSER, 1970, p. 43-44).

À luz das informações contidas, compreende-se que a ideologia busca ocultar a realidade vivida pelos indivíduos, porém não admitindo sê-la quem esconde tal realidade. Neste contexto, uma ideologia existe sempre num aparelho na sua prática.

1.2 Uma escola de todos

A escola é uma entidade que tem como pressupostos fundamentais despertar e ensinar, de forma institucionalizada, uma comunidade com características definidas de idade e saberes. Ela é responsável pelo desenvolvimento social do cidadão, no sentido pleno da palavra. Desta forma possui como função, fixar o tipo de cidadão que deseja formar, a partir da sua ótica a respeito do conceito de sociedade. Ademais, também é responsável por delimitar e produzir as transformações que julga necessário realizar nessa sociedade, por meio do próprio cidadão que irá desenvolver em sua formação. “A escola como espaço de formação educacional precisa ser um espaço aberto, em que todos os indivíduos se sintam acolhidos em sua singularidade, pois ao contrário, é apropriado conceber a unidade que assegure e favoreça a diversidade, a diversidade que se inscreve na unidade” [...] (MORIN, 2001, p. 57).

Contudo, é necessário que também apresente aos educandos as diferenças existentes e os conduza a pacificação das mesmas, através da conscientização do respeito as diferenças na busca da igualdade. Faz-se necessário apreciar as diversas vozes ideológicas: “a voz da escola, do aluno e do professor”, (MOREIRA, 2002, p. 12).

Historicamente falando, a escola tem dificuldades para lidar com a diversidade, pois geralmente as diferenças tornam-se problemas ao invés de soluções. “A multiculturalidade como característica das sociedades atuais entra na discussão epistemológica da educação a partir das posições defendidas por Paulo Freire na década de 1960, quando propõe a educação como atividade cultural para o desenvolvimento da cultura, tendo em vista a construção da humanidade do ser humano” (SOUZA, 2001, P.09).

A escola é o lugar em que todos os alunos devem ter as mesmas oportunidades, mas com estratégias de aprendizagens diferentes, além disso, vale ressaltar que é um espaço integrado por uma população com vários grupos étnicos, com suas tradições e suas costumes. De acordo com Morin (2001, p. 56):

a cultura é constituída pelo conjunto dos saberes, fazeres, regras, normas, proibições, estratégias, crenças, idéias, valores, mitos, que se transmite de geração em geração, se reproduz em cada indivíduo, controla a existência da sociedade e mantém a complexidade psicológica e social. Não sociedade humana, arcaica ou moderna, desprovida de cultura, mas cada cultura é singular. Assim, sempre existe a cultura nas culturas, mas a cultura existe apenas por meio das culturas.

Significa que em um mesmo grupo, os aprendizes vivem experiências com sensações distintas. Além disso, nem todos os membros que integram esta faixa etária seguem o mesmo curso. E mesmo os alunos que dão continuidade a escolaridade na mesma escola, têm a mesma história de formação. Tais explanações deixam claro que pessoas inseridas em uma situação aparentemente idêntica vivem experiências subjetivas distintas, uma vez que influencia na situação as suas fontes intelectuais, sua bagagem cultural, suas aspirações, suas estratégias e seus desejos, e todos esses elementos se diferenciam. Entretanto, essas distinções devem ser utilizadas como grandes instrumentos de aprendizagem, pois poderia levar a transformação das desigualdades em aprendizagem e, em progresso escolar. Em remate, é o que Moreira (2002, p. 106) afirma:

o avanço das pesquisas e da experiência, os professores disporão de instrumentos que lhes permitem delimitar melhor a natureza dos obstáculos à aprendizagem encontradas em cada aluno e, portanto, saber se requerem uma intervenção urgente, ou um desvio, ou um tempo de latência, por exemplo, dando à criança tempo para crescer, amadurecer, superar as crises familiares ou problemas de individualidade. Os professores precisam encontrar meios de criar espaço para mutuo engajamento das experiências de multiplicidade de vozes, por um único discurso dominante. Mas professores e alunos precisam encontrar maneiras de que um único discurso se transforme em local de certeza e aprovação.

È preciso insistir no fato de que, é preciso reconstruir os fundamentos e a estrutura de ensino das escolas rumo a uma educação de qualidade sem distinções. Conforme menciona a professora Madalena Freire:

(...) o erro não está nas crianças, mas sim na escola alienada da realidade das crianças. Não são as crianças que estão despreparadas para a escola, mas sim a escola que desconsidera as diferenças de classe social e suas reais necessidades. (FREIRE, 1986, p. 101).

Contudo, revela-se como mais um desafio que necessita de atenção e compromisso quanto a aplicação dirigida a especificidade dos conteúdos acadêmicos e a compreensão individual de cada educando, revelando uma estrutura dúbia de avaliação na transmissão dos saberes, bem como a efetivação de propostas inovadoras que modifiquem o que em regra e de forma anacrônica, é realizado no espaço escolar: a abstração das diferenças.

Em grande parte as diferenças são invisibilizadas e não são tratadas com a devida atenção que merecem. A ideia de trazer a igualdade diante das diferenças tem como estratégia para a sua aplicação, desenvolver as questões que envolvem preconceitos, evidenciando as intolerâncias que os cercam, problematizando os temas de maneira a construir a conscientização de que o “diferente” é “normal”.

1.3 Formação do(a) professor(a) e Diversidade Cultural

A educação em linhas gerais, possui como finalidade, apresentar condições de acesso e de construção da cidadania, através da transmissão dos saberes por meio de práticas educativas. O educador é responsável por viabilizar a transmissão do conhecimento de forma a atrair a atenção do aluno com reflexões fundamentadas de forma estratégica. “Tais práticas são institucionalizadas no recinto escolar cuja função primordial é a construção de conhecimentos gerais que permitam aos educandos apropriarem-se dos bens culturais historicamente produzidos pela sociedade” (SILVEIRA, NADER & DIAS, 2007, p.21).

A sociedade brasileira é formada por uma diversidade sociocultural imensa conduzindo as escolas a ampliarem a abordagem sobre as diversidades entre os educadores com a finalidade de proporcionar o conhecimento, o ideal de igualdade e o respeito à culturas diversas. Neste sentido Moreira (2001) propõe a seguinte reflexão:

Que professores estão sendo formados, por meio dos currículos atuais, tanto na formação inicial como na formação continuada? Que professores deveriam ser formados? Professores sintonizados com os padrões dominantes ou professores abertos tanto à pluralidade cultural da sociedade mais ampla

como à pluralidade de identidades presente no contexto específico em que se desenvolve a prática pedagógica? Professores comprometidos com o arranjo social existente ou professores questionadores e críticos? Professores que aceitam o neoliberalismo como a única saída ou que se dispõem tanto a criticá-lo como a oferecer alternativas a ele? Professores capazes de uma ação pedagógica multiculturalmente orientada? (p. 43)

Neste sentido cumpre ratificar, que é imprescindível projetar um ideal de educação multicultural sem que ocorra uma análise relacionada ao educador e a sua formação. Torna-se elemento fundamental, analisar que formação é proporcionada aos educadores para que estes possam aplicar seus conhecimentos a educandos membros de uma sociedade onde há uma participação de populações distintas.

De acordo com Marín (2003. p. 2), “a educação possibilita a preservação da diversidade cultural, cria um espaço democrático, dando lugar ao encontro e convivência entre as diferentes culturas”. Nesse sentido, é apresentado um estudo direcionado a diversidade cultural com o fim de proporcionar uma reciclagem de forma sistemática nos processos de formação de professores, como bem denota Libâneo (2006, p. 867):

[...] o conteúdo dessa mediação a cultura que vai se convertendo em patrimônio do ser humano, isto é, os saberes e modos de ação. Trata-se, pois, de entender a educação como assimilação e reconstrução da cultura e a pedagogia como prática cultural, forma de trabalho cultural, que envolve uma prática intencional de produção e internalização de significados para a constituição da subjetividade. A pedagogia, justamente, opera, viabiliza essa mediação cultural por meio de várias instituições, agentes e modalidades, entre elas a educação escolar.

Para isso, define objetivos, finalidades, formas de intervenção, pelo que dá uma direção de sentido, um rumo, ao processo educacional, tendo em vista a atuação dos educandos em uma sociedade concreta.

Convém ponderar, que as escolas serão conduzidas a se adequar aos novos desafios impostos pela sociedade, visando estruturar o ensino de acordo com a realidade social. Ademais, está adequação também deverá ser direcionada as universidades, no que tange à necessidade de reformar os currículos dessas instituições visando a formação dos docentes pautada na promoção e integração da diversidade cultural, enfatizando análises conceituais sobre cultura. “Por cultura se entende o saber acumulado e transmitido de uma geração a outra, valores universais, arte, folclore, entre outros” (SEEHABER; JUNQUEIRA, 2006, p.74). Nesse sentido, (GURGEL, 2011, p.5) destaca que “é no campo da Cultura que a diversidade, por meio do Multiculturalismo, apresenta-se como o grande desafio dos vários ramos do conhecimento”. Em linhas gerais, a diversidade cultural traz como bagagem uma série de elementos singulares que

precisam ser evidenciados como complementares com o fim de promover as interações entre as diversas culturas de forma pacífica. Para Treichler e Grossberg (1995, p. 14):

A cultura é entendida tanto como uma forma de vida - compreendendo idéias, atitudes, linguagens, práticas, instituições e estruturas de poder - quanto toda uma gama de práticas culturais: formas, textos, cânones, arquitetura, mercadorias produzidas em massa, e assim por diante.

Ao ingressar no espaço escolar, o professor além de exercer a sua função de transmitir o conhecimento de acordo com o currículo escolar estabelecido, também deve ter em sua abordagem, um tanto de sensibilidade para adaptar sua didática as diferentes formas de compreensão do aluno, bem como, a diversidade cultural implícita em cada indivíduo.

A cultura passa, necessariamente, por um legítimo diálogo entre conhecimentos e ações humanizadoras que asseguram significados à participação concreta de todos os membros que integram o processo educativo escolar. É o que destaca (FAVERO, 1983, p.15) que

a existência humana é existência de pessoas em comunidade, ou seja, comunicação de valores de uma pessoa a outra”. Diante dessa diversidade de valores é que está assentado o trabalho do professor. É a ele, que cabe o papel de conciliar essa diversidade, e dela fazer um instrumento para o seu trabalho.

A formação de professores, seja ela inicial ou continuada, requer uma atenção especial em virtude da atuação do profissional em salas de aula, a formação dos educadores em regra, foi pautada sob uma ótica monocultural, o que significa que tratar sobre a diversidade cultural é uma prática ainda inovadora, tendo em vista sua invisibilização durante muitos anos. Segundo Canen (1997,p. 214):

ao assumir uma falsa noção de uma sociedade monocultural, tais cursos [de formação de professores] estarão esquivando-se de aproveitar seu espaço para a formação de professores críticos, que direcionem suas ações pedagógicas no sentido de maximizar o potencial de todos os seus alunos, e não apenas daqueles cujos padrões culturais coincidem com o padrão oficial dominante

Essa necessária renovação da instituição educativa e esta nova forma de educar requerem uma redefinição importante da profissão docente e que se assumam novas competências profissionais no quadro de um conhecimento pedagógico, científico e cultural revistos. “Em outras palavras, a nova era requer um profissional da educação diferente” (IMBERNÓN, 2002, p.12).

Desta forma, é de extrema importância articular os pressupostos para a estruturação de programas e atividades multiculturais à formação docente. A

transmissão dos saberes e conhecimentos a respeito da diversidade cultural pelos educadores, prescinde de sua qualificação profissional através de cursos de capacitação, Perrenoud (2001,p.11) destaca que o papel do(a) professor(a) deve necessariamente “evoluir” para responder aos desafios sem precedentes das transformações necessárias dos sistemas educacionais”. Nóvoa (1999) indica uma relação paradoxal entre a responsabilidade e expectativa depositadas no desempenho do professor e a desvalorização social e econômica que a função do docente sofre.

À luz destas informações, insta salientar que a formação continuada de professores possui um papel importante, visto que desenvolve práticas fundadas na reflexão do ensino contextualizadas á realidade sociocultural, abrindo espaços que possibilitem a transformação da instituição escolar em um ambiente em que as diferentes identidades são igualadas e valorizadas, como elementos que fomentam a cidadania.

Como Bhabha (1998) e McLaren (2000), denotam, salientando que a formação de identidades culturalmente híbridas constitui-se em um caminho fértil para a educação multicultural crítica. Isto porque, na medida em que o reconhecimento da pluralidade de camadas que perfazem a construção da identidade é atingido, uma sensibilização à articulação identidade-alteridade se estabelece, questionando-se, a partir daí, quaisquer estratégias discursivas que congelem ou silenciem identidades plurais. Segundo Leite (2002, p.35), “o desenvolvimento profissional do professor depende também do modo como vai desmontando criticamente a realidade social em que trabalha e, como vai estruturando formas renovadas de responder às necessidades da diversidade dos seus alunos, numa sociedade sempre em mudança”.

Desta forma, a formação do educador e a criação do currículo reconstrucionista, precisa estar pautado na evidência da alteridade e do pluralismo cultural, inserindo as progressões de cunho científicos e culturais, bem como comprometidos com o desenvolvimento social. Refere-se a um conhecimento inovador, aberto, coletivo e isento das discriminações da modernidade, visando essencialmente uma emancipação.

Capítulo I

2.1 A realidade sobre educação e diversidade no Brasil

A sociedade brasileira ao longo da sua história, acostumou-se a conviver com espaços e processos de exclusão, tendo em vista o processo cultural edificado por meio das relações de escravidão vivenciadas por diversos povos. Neste sentido, em grande

parte da nossa trajetória histórica, muitos cresceram neste espaço de exclusão: a criança, o pobre, o índio, o negro, mulher, o idoso e as pessoas portadoras de necessidades especiais. Extinguir sistemas de subjetivação de exclusão, tornou-se um desafio para a educação voltada a conscientização da Diversidade Cultural.

Posta assim a questão, cumpre ratificar que a abordagem da diversidade cultural na escola é realizada, a datar do encontro de valores simbólicos: sociais, culturais pautados na alteridade. Lecionar sobre educação no contexto da Diversidade Cultural implica no reconhecimento de tensões entre paradigmas, modelos de sociedade e entre necessidades individuais e coletivas.

[...] entre os esquemas científico-tecnológicos próprios da racionalidade instrumental e a visão política da educação; em assumir uma postura crítica em relação ao modelo dominante, ao modelo neoliberal vigente, suas implicações político-sociais e seus pressupostos éticos [...] potencializa uma atitude questionadora, desvela a necessidade de introduzir mudanças, tanto no currículo explícito:

[...] aflora o conflito entre manutenção e mudança

[...] questiona se é melhor avançar lentamente ou acelerar processos, entre a linguagem neutra e a comprometida

[...] gera a tensão entre falar e calar sobre a própria história pessoal e coletiva como necessidade de trabalhar a capacidade de recuperar a narrativa das nossas histórias na ótica dos direitos humanos. (Candau, 1998, p. 36-37).

Por outro enfoque, um dos obstáculos que se coloca na busca da convivência harmônica refere-se ao fato de que, a diferença é vinculada à inferioridade e o “outro” - por ser diferente em sua diversidade e pluralidade - é caracterizado como inferior e passa a reproduzir uma ameaça aos padrões euroamericanos de ser. Não é despiciendo observar que os referidos padrões, pautados nas culturas ocidentais brancas, masculinas, heterossexuais, letradas e não raramente cristãs, estão fixadas no inconsciente social e reproduzidos diariamente nos diferentes ambientes de convivência humana, prejudicando tanto os grupos secundários como, os incluídos às classes hegemônicas. Todas essas “contribuições” auxiliaram a reforçar o conhecido problema racial na década de 70 nos Estados Unidos, principalmente entre a juventude negra. Em virtude de considerações como estas, Glazer (citado por GONÇALVES E SILVA, 1998, p. 34), salienta, “se antes, eles estavam preocupados na integração, ignorando sua própria cultura e sua história, é porque queriam ser exatamente como os brancos; hoje, eles se debruçam sobre a própria herança, buscando dialogar com o seu passado, para descobrir a própria identidade”.

Entretanto, esses conflitos baseados em modelos esteticamente aceitos e de comportamentos, são padrões culturais delimitados de forma errônea e aplicados de

forma sutil, típico das culturas que se reconhecem como “superiores”, o que influencia o fortalecimento da conhecida filosofia do branqueamento, distinguindo “brancos” como indivíduos superiores a quaisquer outros. Tal ideologia reforça preconceitos e processos de exclusão social. Não é cediço, o conhecimento de que a ideologia do branqueamento encontra-se pautada sob a ótica etnocêntrica de mundo, ou seja, na cultura do autocentrismo, classificada como a que fixa um único ponto de vista, de acordo com as imagens construídas de si mesmo e popularizadas como um tipo de narcisismo social. Vale ratificar que a ideologia do “branqueamento” tem como referência Thomas E. SKIDMORE: a teoria brasileira aceita pela maior parte da elite de 1888 a 1914 e a “Tese do branqueamento” (SKIDMORE, 1976, p. 81).

A tese do branqueamento baseava-se na presunção da superioridade branca às vezes, pelo uso dos eufemismos raças ‘mais adiantadas’ e ‘menos adiantadas’ e pelo fato de ficar em aberto a questão de ser a inferioridade inata. À suposição inicial, juntavam-se mais duas. Primeiro - a população negra diminuiria progressivamente em relação à branca, por motivos que incluíam a suposta taxa de natalidade mais baixa, a maior incidência de doenças e a desorganização social. Segundo - a miscigenação produzia ‘naturalmente’ uma população mais clara, em parte porque o gene branco era mais forte em parte devido as pessoas procurassem parceiros mais claros do que elas. (A imigração branca reforçaria a resultante predominância branca) (SKIDMORE, 1976, p. 81).

Registre-se que, compreensão otimista dessa avaliação racial pautava-se sobre uma afirmação básica: a de que a miscigenação não criava “degenerados”, mais uma população mestiça sadia capaz de tornar-se sempre mais branca, tanto cultural quanto fisicamente” (SKIDMORE, 1976, p. 81).

Neste sentido, torna-se difícil, na maioria das vezes, situar quem é quem no jogo das diferenças, nas relações de poder desiguais, ou seja, quem se posiciona no nível de dominante ou de dominado, visto que em todos os grupos culturais existem aqueles que assumem vários postos ao mesmo tempo, discriminados e discriminadores. Nesse sentido, Freire (1991, p.19), abordando a respeito da liberdade dos oprimidos, destacou:

Os oprimidos, contudo, acomodados e adaptados, “imersos” na própria engrenagem da estrutura dominadora, temem a liberdade, enquanto não se sentem capazes de correr o risco de assumi-la. E a temem, também, na medida em que lutar por ela significa uma ameaça, não só aos que usam para oprimir, com seus “proprietários” exclusivos, mas aos companheiros oprimidos que se assustam com maiores repressões.

Contudo, o Brasil tem conquistado resultados consideráveis na ampliação do acesso e no exercício dos direitos e do conhecimento do deveres por parte dos cidadãos. Porém, existem ainda grandes desafios a vencer, como o avanço do acesso à educação básica, bem como a conscientização, o respeito e a sensibilização a diversidade cultural

presente nas escolas. Mister de faz ressaltar que culturalmente, com o intenso avanço da tecnologia, mídia e informática, bem como a obstrução de fronteiras geográficas, configurou-se avançado o intercâmbio cultural. O mundo assume, definitivamente, as feições e as marcas da multiculturalidade, da diversidade cultural, fazendo-nos crer que estamos “condenados” a pensar a unidade humana na base de sua diversidade cultural e nos desafiando a desenvolver a capacidade de conviver com as diferenças. Como bem denota Brandão (2002 pág. 31):

A cultura existe nas diversas maneiras por meio das quais criamos e recriamos as teias e as (tessituras) e os tecidos sociais de símbolos e de significados que atribuímos a nós próprios as nossas vidas e aos nossos mundos. Criamos os mundos sociais em que vivemos e só sabemos viver nos mundos sociais que criamos. Ou onde reaprendemos a viver, para sabermos criarmos com os outros o seus outros mundos sociais. E isto é a cultura que criamos para viver e conviver.

Se faz necessário entender a diversidade ética e cultural dos diversos grupos, em que determinada classe social, gênero raça e diversidade se comportam de forma singular. È o que Perrenoud (2000, p. 90) afirma a respeito da abordagem sobre Diversidade - que “encarar o desafio de evidenciar um ensino que honre a cultura da comunidade representa compreender a realidade social e cultural de cada um, com a finalidade de construir um projeto pedagógico que “abraçe” a todos”. Não é cedo, o conhecimento de que esta declaração está protegida pelo Art. 210 da Constituição Federal: - Serão fixados conteúdos mínimos para o ensino fundamental, de maneira a assegurar a formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais. Lei 9.394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB.

Contudo, embora algumas garantias de fato tenha sido legitimadas legalmente, a diversidade étnica e cultural sendo analisada no contexto da educação, não apresenta a sensibilidade necessária das instituições escolares, o que denota que ainda são desenvolvidas metodologias comuns que não alcançam a abordagem educacional necessária que contribua para a integração, respeito e a autoestima dos indivíduos no que tange as suas diversas culturas. Com efeito, Bourdieu salienta (1998, p. 53) que:

Para que sejam favorecidos os mais favorecidos e desfavorecidos os mais desfavorecidos, é necessário e suficiente que a escola ignore, no âmbito dos conteúdos do ensino que transmite e dos critérios de avaliação, as desigualdades culturais entre as crianças das diferentes classes sociais.

Então, conforme o exposto, avalia-se que, ainda que as Leis e Diretrizes Curriculares responsáveis pela direção da criação e ampliação da educação sob a ótica da diversidade cultural estabeleçam diretrizes, na escola permanece a dificuldade dos

docentes em transmitir os conhecimentos a todos, seja pela falta de incentivo da instituição, seja por ausência de qualificação para a transmissão desses saberes.

2.2 Diversidade e Escola

Um dos pressupostos fundamentais da educação multicultural, é atenção à diferença como um elemento em destaque a ser discutido e transmitido pelos educadores, de forma a refletir sobre a igualdade na constituição da humanidade. Sob esta ótica, a premência de um diálogo entre essas diferenças define-se como um alvo e um desafio. A diversidade vista do ponto cultural pode ser compreendida como a criação histórica, cultural e social das diferenças, que foram criadas pelos sujeitos sociais ao longo do tempo. Anete Abramowicz afirma que Diversidade pode significar variedade, diferença e multiplicidade. “A diferença é qualidade do que é diferente; o que distingue uma coisa de outra, a falta de igualdade ou de semelhança”. (ABRAMOWICZ, 2006. P.12)

A escola em sua ampla função de transmitir saberes delimitados em um currículo escolar, vai se estruturar historicamente com a finalidade de transmitir cultura, como salientam Candau e Moreira:

“A escola é uma instituição constituída historicamente no contexto da modernidade, considerada como mediação privilegiada para desenvolver uma função social fundamental: transmitir cultura, oferecer às novas gerações o que de mais significativo culturalmente produziu a humanidade”. (CANDAU e MOREIRA, 2003, p. 160).

Contudo, a contrário sensu, esses conhecimentos são limitados a produtos e conclusões, sem considerar o valor determinante dos processos. Então, presume-se que uma forma de entender esses jovens quando chegam à escola, é avaliá-los sob o ponto de vista da diversidade cultural. Esta avaliação é feita através da própria abordagem pelo educador em suas atividades diárias e, através da sua observação as reações apresentadas pelos educandos diante da temática.

Nessa vereda, aceitar a heterogeneidade representa, analisar os costumes e conhecimentos distintos que os(as) alunos apresentam em suas experiências diárias. Em última análise, representa refletir sobre como desenvolver as diferenças entre os (as) alunos (as) sem torná-lo objeto de desigualdade que beneficia apenas uma parte dos (as) alunos (as) conforme destaca Sacristan (2002, p.14):

Todas as desigualdades são diversidades, embora nem toda a diversidade pressuponha desigualdade. Por isso, devemos estar muito atentos para que, em nome dessa diversificação, não estejamos contribuindo para manter ou provocar a desigualdade. As políticas e práticas a favor da igualdade podem

anular a diversidade; as práticas que estimulam a diversidade talvez consigam em certos casos manter, mascarar e fomentar algumas desigualdades.

Neste sentido é necessário compreender que toda cultura tem sua maneira singular de pensar, seus costumes, os quais identificam sua forma de ser, através da ideologia naturalmente empregada por meio das características e comportamentos.

“A problemática das relações entre diversidade cultural e cotidiano escolar constitui, portanto, um tema de especial relevância para a construção de uma escola verdadeiramente democrática hoje. No entanto, esta ainda é uma questão pouco trabalhada entre nós, quer seja pela reflexão pedagógica em geral, como, mais concretamente, no âmbito da didática.” (ANHORN E CANDAU, 2000, p. 2)

Com efeito, chega a ser visível a assertiva de que a diversidade cultural assume um ponto de extrema importância na busca da igualdade, “Nossa singularidade é construída a partir dos outros e do mundo”. (SCHNORR, 2001. P.86)

O redimensionamento do tema ao ressaltar a necessidade de conscientização e respeito à alteridade também revela que falta preparo, falta compromisso com a causa, principalmente quando se nega o acesso à informação aos temas que abrangem a Diversidade Cultural.

Consoante não ceda, em razão dessa realidade, a educação em geral e, mais especialmente, a escola e os educadores são vistos como “esperança de futuro”, sendo pressionados a refletir sobre sua função face às mudanças em curso, tais que impulsionam novos conhecimentos, novas competências, uma nova forma de pensar e de atuar, conforme é mencionado nas reflexões de Paulo Freire:

Para ser válida, toda educação, toda ação educativa deve necessariamente estar precedida de uma reflexão sobre o homem e de uma análise do meio de vida concreto a quem queremos educar (ou melhor dito: a quem queremos ajudar a educar-se). Faltando uma tal reflexão sobre o homem, corre-se o risco de adotar métodos educativos e maneiras de atuar que reduzem o homem à condição de objeto. Assim, a vocação do homem é a de ser sujeito e não objeto. Pela ausência de uma análise do meio cultural, corre-se o perigo de realizar uma educação pré-fabricada, portanto, inoperante, que não está adaptada ao homem concreto a quem se destina. (FREIRE, p.33)

A par disso convém ressaltar que o recinto escolar é considerado o primeiro local de socialização coletiva da criança, pois o espaço que a antecede é o espaço familiar onde ocorre naturalmente um processo de socialização individual, ao lado dos seus pais e familiares e ao ingressar na escola será inserida na convivência com as diferenças. Como aponta Ariés (1981) que “a escola é o locus por excelência de primeira socialização próprio para as crianças”, e além disso, “deve ser interpretada como um ambiente de socialização, de interação social e cultural” (Gusmão, 2003,

p.28). Contudo, a escola não mostra-se apta para lidar com as diferenças, quer seja na atuação das práticas pedagógicas, ou mesmo no seu currículo. Ao contrário desta síntese, de acordo com Gusmão, Mencionado por Rocha e Tosta (2009, p. 125) (...) “a escola centrava-se em um aluno modelo, desconsiderando a diversidade da comunidade escolar e seu entorno, e, para controla-lo, atuava de forma autoritária”.

Cumprir observar como denota Macedo (2008, p. 98), que “a educação brasileira ainda não proporciona aos usuários do equipamento de ensino o acesso de cada cidadão à Diversidade Cultural, à cultura universal que é singular de sua comunidade, de sua região e de seu país”. Ademais, muito embora já esteja previsto no currículo escolar a inserção do ensino pautado na diversidade cultural, Ataíde e Moraes (2003, p. 85) salientam que: “o projeto pedagógico brasileiro é exógeno e xenófobo. Tais afirmações se baseiam nas concepções de educação em sua prática, visto que se apresentam de forma anacrônica e descontextualizada da realidade social. Com efeito, chega a ser visível a assertiva de Santomé (1995, p. 176) ao afirmar que, “as salas de aula não podem continuar sendo um lugar de informações descontextualizadas”.

Pertinente é a colocação de Santomé (1995, p. 176), que afirma que “a educação obrigatória tem que recuperar uma de suas razões de ser: a de ser um espaço onde as novas gerações se capacitem para adquirir e analisar criticamente o legado cultural da sociedade”.

Desta forma, conclui-se que há uma grande necessidade de construção e aplicação dos saberes educativos pautados na diversidade cultural, de forma que supra as necessidades de todos os educandos a partir das suas diferenças culturais, construindo um ambiente com indivíduos conscientes sobre a importância da multiculturalidade.

2.3 Diversidade e currículo escolar

Em primeiro plano convém ressaltar que na década de 80, com a redemocratização política aumentou o interesse pelo aspecto da diversidade de culturas na educação e no currículo das escolas. Sobretudo, após a interferência exercida pelas teorias pós-críticas, as organizações internacionais de defesa dos direitos humanos formalizam o compromisso de desenvolver uma educação pautada na cidadania com base no respeito à diversidade cultural, buscando à erradicação dos preconceitos. Refletir sobre o currículo inclui questões tão importantes quanto essenciais para uma avaliação dos aspectos subjetivos relacionados à concepção de currículo que temos ampliado no decorrer da história da educação no Brasil. E nesse sentido, as políticas

curriculares dão vida a uma indústria cultural construída ao redor da escola e do ensino. “Elas definem papéis de professores e alunos e suas relações, redistribuindo funções de autoridades e iniciativas” (SILVA, 1999).

Posta assim a questão, é de se dizer que, para que seja feito uma análise do contexto curricular é preciso compreender a ampliação evolutiva do pensamento pedagógico brasileiro e para isso, é importante direcionarmos a pesquisa à história e a origem do currículo. Como bem salienta Silva (1996, p. 23):

O currículo é um dos locais privilegiados onde se entrecruzam saber e poder, representação e domínio, discurso e regulação. É também no currículo que se condensam relações de poder que são cruciais para o processo de formação de subjetividades sociais. Em suma, currículo, poder e identidades sociais estão mutuamente implicados. O currículo corporifica relações sociais.

A construção curricular no Brasil não ocorreu a partir de uma única ideologia, pois se deu por um conjunto de tendências – tendo como alvo interesses distintos. A partir desta idéia oriunda do contexto histórico é notório a importância do vínculo do currículo a formação histórica e social. “A palavra currículo é atualmente, um termo de definição complexa – ambígua, polissêmica” (SACRISTÁN; PEREZ, 2000, p.34).

Neste passo, compreende-se que Currículo é inseparável da cultura, uma vez que, em síntese, tanto a teoria educacional tradicional como também a teoria crítica, enxergam no currículo uma maneira institucionalizada de reproduzir a cultura de uma sociedade. Santomé (1995, p. 161) afirma que:

Quando se analisa de maneira atenta os conteúdos que são desenvolvidos de forma explícita na maioria das instituições escolares e aquilo que é enfatizado nas propostas curriculares, chama a atenção a arrasadora presença das culturas que podemos chamar de hegemônicas. As culturas ou vozes dos grupos sociais minoritários e/ou marginalizados que não dispõem de estruturas importantes de poder costumam ser silenciadas, quando não estereotipadas e deformadas, para anular suas possibilidades de reação.

Nesse sentido, a ampliação das diferenças transpõe as características biológicas que são visíveis. Tais diferenças possuem como responsáveis por sua criação, os sujeitos sociais nos processos de adaptação do indivíduo ao meio social e no contexto das relações de poder. O que significa que valores sociais e culturais também são aprendidos. É o que Gomes (2007, p. 32) afirma:

A cultura é aprendida. Poderíamos dizer que ela não é uma ‘herança inexorável’ dos indivíduos, senão são os próprios que devem realizar percursos de inserção (aprendizagem) na cultura de seu grupo. Um ser humano que não tenha essa possibilidade, isto é, alguém que não cresça em contato com uma qualquer cultura, dentro de um grupo humano, sozinho não reinventa a cultura do seu grupo e nem inventa a sua própria – posto que se trata de algo da ordem do social e do coletivo.

Desta forma, compreende-se que o currículo está diretamente relacionado a relações de poder e a pacificação de interesses evidentes no sistema de ensino, limitando seu conteúdo a estruturas e temas historicamente definidos como hegemônicos na constituição da formação do aluno em seus aspectos sociais, políticos e culturais.

Nesse contexto, mister ser faz ressaltar que o direito a educação está garantido na Carta Magna como um direito social, conforme previsto no art.6º da Constituição Federal da República de 1988:

Art. 6º - São direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição. (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 26, de 2000).(Brasil, p.72 1988).

Como se depreende, a Constituição Federal de 1988 apresenta uma concepção ampla sobre educação interpretando-a como um processo que assegura e auxilia a formação do cidadão consciente dos seus direitos e deveres com autonomia para reivindicar e exigir melhorias na construção da sociedade de seu tempo.

Tenha-se também presente, a Lei de Diretrizes e bases da educação de nº 9.394/96, a qual teve um processo longo de criação, desenvolvimento e aprovação (1988-1996), com duração de 8 anos. A redação do texto é clara quanto aos objetivos de integração e valorização cultural dos brasileiros, negro e indígena. Traz ainda, no calendário escolar, o dia 20 de novembro, como “Dia Nacional da Consciência Negra”.

Dentre Leis e diretrizes estabelecidos na busca de alcançar um currículo que possa agregar todos os elementos necessários a formação social, cultural, econômica e emocional do indivíduo, Ramsey (1987) destaca quais são os objetivos de currículos pautados nas diferenças:

Ajudar as crianças a desenvolver identidades positivas de gênero, raciais, culturais, de classe e individuais e reconhecer e aceitar sua participação como membro de muitos grupos diferentes.
Capacitar as crianças a se enxergarem como parte da sociedade mais ampla; identificar-se, empatizar-se e relacionar-se com indivíduos de outros grupos.
Estimular o respeito e a apreciação pelas diversas maneiras em que as outras pessoas vivem.
Encorajar, nos primeiros relacionamentos sociais das crianças pequenas, uma abertura e um interesse nos outros, uma disposição para incluir os outros e um desejo de cooperar.
Promover o desenvolvimento de uma consciência realista da sociedade contemporânea, um sentido de responsabilidade social e um interesse ativo que se estenda além da família ou do grupo da própria pessoa.
Capacitar as crianças para se tornarem analistas e ativistas autônomas e críticas em seus ambientes sociais.
Apoiar o desenvolvimento de habilidades educacionais e sociais necessárias para as crianças se tornarem participantes plenas da sociedade mais ampla, de

maneira adequada aos estilos, orientações culturais e origem lingüística individuais. Promover relacionamentos recíprocos entre escolas e famílias (Ramsey, 1987, p. 3-5).

A lei contribui para as decisões constitucionais, quanto aos direitos voltados a educação, trazendo importantes progressos para educação do Brasil. No que tange as contribuições ao currículo escolar trouxe em seu texto, à avaliação do sistema educacional e das práticas curriculares e da aprendizagem.

Além disso, surgiram os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais), criados pelo Ministério da Educação e do Desporto, que traz como um dos temas transversais à pluralidade cultural.

Tratar da diversidade cultural, reconhecendo-a e valorizando-a da superação das discriminações é atuar sobre um dos mecanismos de exclusão, tarefa necessária ainda que insuficiente, para caminhar na direção de uma sociedade mais plenamente democrática. É um imperativo do trabalho educativo, voltado para a cidadania uma vez que tanto a desvalorização cultural-traço bem característico de pais colonizado-quanto à discriminação são entraves à plenitude da cidadania para todos, portanto, para a própria nação (PCNs, 1997, p.21).

Entretanto, a pluralidade de acordo com os PCNS “significa a afirmação da diversidade como traço fundamental na construção de uma identidade nacional que se põe e repõe permanentemente, e o fato de que a humanidade de todos se manifesta em formas concretas diversas de ser humano” (BRASIL, 1997, p. 19), induz a uma importante reflexão a respeito da ausência do desenvolvimento de ações educativas no recinto escolar que proponham a execução de atividades pautada no tema da diversidade cultural.

Embora as leis tenham institucionalizado direitos no que tange a base do currículo escolar, é recorrente as práticas de ensino pautadas em visões elitistas. De acordo com Sacristán (1995, p. 97), os conteúdos selecionados no currículo

difícilmente têm o mesmo significado para cada um dos indivíduos. A falta de “representatividade” cultural do currículo escolar repercute, imediatamente, na desigualdade. Repensando a questão curricular: caminho para uma educação anti-racista de oportunidades e na incapacidade da cultura da escola para dotar os alunos de instrumentos que os permitam compreender melhor o mundo e a sociedade que os rodeia.

O que exige que sob uma perspectiva democrática e cidadã, a escola assuma o compromisso social de desenvolver no educando valores como amorosidade, cooperação, responsabilidade, bem como respeito às diferenças culturais. Todos esses elementos devem ser levados em consideração na reestruturação do currículo escolar, visando adequá-lo a realidade social. Como ressalta Barbosa (1991:65):

inúmeras vezes, na atividade educacional, temos feito referência à interdisciplinaridade. Principalmente por ocasião da elaboração dos planejamentos anuais fala-se em integrar Algumas disciplinas, mas nunca se chega a um consenso de modo fazê-lo. Quase sempre não, efetivação dessa prática decorre da ausência de conhecimento do seu significado, falta alguém que tome para si o compromisso de levá-la adiante ou, ainda, as normas educacionais apresentam-se como obstáculos naturais à construção da interdisciplinaridade do conhecimento. Com efeito, não será procurado quem facilite o processo que a interdisciplinaridade se realizará.

A guisa de exemplo, Pereira (2004,p.21) salienta que “a escola e o currículo continuam centrados nos padrões culturais dominantes e as culturas maternas dos grupos minoritários continuam a ser ignoradas. Em decorrência da deficiência do ensino no sistema educacional, há pouco tempo foram criadas políticas educacionais visando um modelo de educação multicultural que tem auxiliado os professores e membros das instituições escolares na construção de um currículo que supra as necessidades dos diferentes educandos que integram o recinto escolar. Segundo Luz (2003, p. 62):

Estamos tendo o prazer de ver expandir-se contemporaneamente, iniciativas coletivas de educadores em todo o mundo, em torno da afirmação de uma nova e urgente abordagem sobre educação, cujo princípio inaugural é a dimensão ontológica da diversidade humana, marcada pela angustiante procura da compreensão sobre o estar no mundo, no universo, ou seja, no processo dinâmico da existência humana.

Ademais a “Lei 10.639 de 09 de janeiro de 2003 que altera a LDB para inserir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura afro-brasileira”. Desta forma são criadas as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações-raciais e para o Ensino de História e cultura afro-brasileira e africana. Há pouco tempo, a Lei 10.639/2003 recebeu uma alteração com a promulgação da Lei 11.645/2008, que inseriu a história e a cultura indígena. Contudo, embora sua alteração tenha sido objeto de uma longa luta em prol desses direitos, tem sido motivo de críticas, visto que reverbera a ideia de que a temática indígena estaria inserida em outros documentos. Para refletir sobre a diversidade cultural, a LDB, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96), trouxe para análise questões relativa à diversidade cultural e a pluralidade étnica encontrada no cotidiano escolar, Contudo, em linhas gerais a LDB e as Diretrizes Curriculares ainda não conseguiram atingir a finalidade de promover a diversidade, não conseguem obter a igualdade étnica racial na escola, muito embora esteja no caminho para a efetivação das transformações, ao destacar a importância da diversidade cultural brasileira no âmbito escolar.

A aplicação e o aperfeiçoamento da legislação são decisivos, porem insuficientes. Os direitos culturais e a criminalização da discriminação atendem aspectos referentes à proteção de pessoas e grupos pertencentes às

minorias étnicas e culturais. Para contribuir nesse processo de superação da discriminação e de construção de uma sociedade justa e fraterna, o processo há de tratar do campo social, voltados para a formação de novos comportamentos, novos vínculos, em relação àqueles que historicamente foram alvos de injustiça, que se manifestam no cotidiano. (PCNs, 1997, p.123)

Não bastasse os problemas relacionados aos conflitos oriundos da convivência entre culturas diversas no meio escolar e social, ocorre também a dificuldade dos professores em transmitir o conhecimento, não raramente por não possuírem capacitação quanto ao tema, pois

o cotidiano escolar é o espaço onde se concretiza a produção do insucesso escolar devido às práticas preconceituosas. Nas discussões das reuniões pedagógicas, podemos flagrar essas práticas preconceituosas do corpo docente e vivenciar situações onde os professores não-negros expressam comentários depreciativos a respeito das pessoas negras. Pode-se verificar como se reproduz o preconceito no grupo de professores, quando expresso em seus discursos publicamente. (ROESCH, 2001, p.135).

Resta assim comprovado, a dificuldade que habita entre a necessidade de educadores bem capacitados tanto para transmitir conhecimento a respeito da diversidade cultural, como também para lidar com os diferentes perfis de alunos que possuem dificuldades diversas quanto a forma de compreensão. O que ocorre é justamente o fato do educador desejar que os educandos possuam o mesmo nível de aprendizagem, pois é notório que em um mesmo grupo nem todos têm a mesma formação, nem alcançam todos os níveis de didática, o que diferencia a capacidade de absorção de conhecimentos. Como bem denota Candau (2010, p. 16), “no momento atual, as questões culturais não podem ser ignoradas pelos educadores e educadoras, sob o risco de que a escola cada vez se distancie mais dos universos simbólicos, das mentalidades e das inquietudes das crianças e jovens de hoje”

De forma conjunta, escola e professores possuem capacidade para elaborar e desenvolver programas e soluções que possam superar dificuldades relacionadas ao preconceito e a discriminação, utilizando-se dos princípios éticos de respeito, justiça e igualdade. Tais princípios encontram-se legitimados como direitos na Carta Magna de 1988, no seu artigo 3º, inciso IV onde se refere sobre o preconceito em relação à origem, raça, sexo, idade e qualquer outra forma de discriminação, considerando todos iguais perante a Lei sem distinção. Como também assegura em seu inciso XLI que a lei punirá qualquer tipo de discriminação e ainda no artigo 206º fixa a igualdade de condições para o acesso e permanência na escola.

Após a explanação sobre as garantias asseguradas por lei, faz-se necessário colocar em prática, uma sensibilização dos educadores em suas práticas para que o conhecimento sobre a diversidade possa tocar em cada educando de forma simples, e desperte a sua aplicação por meio da interação de maneira respeitosa e consciente. “Nossos alunos e alunas, ao passarem pela educação básica, precisam vivenciar práticas pedagógicas que lhes possibilitem ampliar o seu universo sociocultural, rever e superar preconceitos, eliminar toda e qualquer forma de comportamento discriminatória em relação ao outro” (GOMES, 2006, P.26).

Desta forma, resta registrar a importância da ótica a qual o professor se utiliza para transmitir os temas referidos, bem como a metodologia empregada e por fim o objetivo, de forma que sua forma de aplicação do conhecimento seja capaz de alimentar nos(as) alunos(as) formas diferentes de pensar e atuar na sociedade.

Busca-se que a escola não seja, um ambiente que reproduza preconceitos, mas ao inverso, um ambiente de democratização e valorização da diversidade a contribuir para o alcance da igualdade na sociedade brasileira. Por derradeiro, cumpre mencionar que a escola precisa ser um lugar de inclusão, de forma que os diferentes indivíduos que dela sejam membros se sintam parte integrante do processo de construção do conhecimento.

Capítulo III

Apresentação da investigação

3.1 Introdução

A escola escolhida para a realização deste trabalho de pesquisa de campo, foi a Escola Estadual Jenny Gomes, situada na cidade de Salvador, Estado da Bahia. Está localizada no bairro de Itapuã, a 25 km do centro da cidade. O bairro é histórico e abriga a Lagoa do Abaeté, um símbolo da cidade.

Os encontros em sala de aula foram realizados duas vezes por semana, com duração de 60 minutos aproximadamente cada um. Inicialmente, buscou-se saber, por meio de rodas de conversas e atividades em grupo, bem como através de um questionário, a respeito da função do professor da 6ª e 7ª séries do ensino fundamental, se os alunos estariam sendo estimulados a trabalhar, a partir da perspectiva de articulação entre as culturas.

As respostas a esse questionamento, revelaram que o respeito à diversidade cultural é um ponto valorizado pelos professores. Contudo, existe uma diferença

marcante no nível de conhecimento dos alunos sobre diversidade cultural e temas conexos, baseado na comparação entre a graduação das turmas, visto que nas turmas da 6ª série os alunos apresentaram um nível de conhecimento mais amplo do que aqueles que já integram a 8ª série, conforme analisado através das atividades.

3.2 Características dos alunos

3.2.1 Turmas: 6ª série.

Os alunos das referidas turmas são falantes e participativos, demonstraram curiosidade diante dos temas apresentados.

3.2.2 Turma: 7ª ano.

Os alunos da referida turma, apresentaram um comportamento linear: atenciosos, um pouco tímidos e raramente questionadores.

3.2.3 Turma: 8ª ano

Os alunos da referida turma, apresentaram um comportamento crítico, questionador, participativo, envolvendo-se aos temas relacionados a diversidade cultural.

3.3 Análise participativa

3.3.1 Turmas: 6ª ano.

Os alunos do 6º ano foram bastante participativos. Apresentaram casos familiares que estavam relacionados aos temas sobre diversidade cultural, demonstrando um alto índice de conhecimento sobre os temas e naturalidade diante dos questionamentos abordados sobre comportamentos embasados em preconceitos de todo gênero. Dentre todas as turmas onde o trabalho foi desenvolvido, foi a de maior destaque devido ao notório comportamento respeitoso dos alunos, uns com os outros sobre o tema diversidade, bem como, sobre relatos dos próprios alunos que nos conduziram a percepção da extensão de tais comportamentos ao ambiente familiar.

3.3.2 Turma: 7ª série.

Os alunos da 7ª série mostraram-se interessados sobre os temas, foram receptivos e curiosos. Apresentaram comportamentos que revelaram timidez. Participaram das atividades porém, quase sempre de forma passiva.

3.3.3 Turma: 8ª série

Os alunos da 8ª série foram bastante participativos e envolvidos com os temas. Discutiram de forma pacífica, porém através de uma consciência crítica. Os

comportamentos revelaram uma certa resistência aos temas, devido a uma série de preconceitos apresentados e formulados com base religiosa e familiar.

3.4 Apresentação dos dados relativamente aos questionários aplicados aos alunos:

Serão apresentadas algumas perguntas (consideradas de maior relevância) que foram realizadas através dos questionários aos alunos e suas respectivas respostas, substituindo o nome dos alunos por números.

3.4.1 O tema diversidade cultural é abordado em sala de aula pelos professores?

Sim/Não – Quais são os temas abordados?

1- Aluno da 6ª série: “Sim. Mas apenas sobre alguns desses temas. Racismo”

2-Aluno da 7ªsérie: “Geralmente não. Desde que comecei a estudar, não ouço falar muito desses temas, só ouvia falar sobre racismo”.

3-Aluno da 7ªsérie: “Não. Porque os professores não comentam, nem ensinam”.

4-Aluno da 7ªsérie: “Sim, religião e raças”.

5-Aluno da 8ªsérie: “Mais ou menos, racismo e religião sim, os outros não”

6-Aluno da 8ªsérie: “Sim, mas só alguns desses assuntos”

3.4.2 Considera que os temas em destaque neste trabalho (xenofobia/ racismo/ sexismo/ intolerância religiosa/ morfofobias/ elitismo/ fobias da sexualidade/ etarismo), irão contribuir para sua formação como cidadão?

1-Aluno da 6ªsérie: “ Sim, porque muda a opinião das pessoas e eu aprendi muito”

2- Aluno da 6ªsérie: “Sim, mudou o meu jeito de agir com os outros. Me sinto melhor e agora mudei”.

3- Aluna da 7ªsérie: “Sim, porque vou saber como evitar problemas. Vou saber tratar melhor as pessoas que convivem com isso”.

4- Aluna da 7ªsérie : “Sim, não temos que falar dos outros ou chamá-los de gorda, negro, velho. É muito bom. Não vou olhar os outros como ruins por serem diferentes”.

5- Aluno da 8ªsérie:”Sim, pra mim não ter preconceito. Respeitar o próximo”.

6- Aluno da 8ªsérie: “Sim, porque eu aprendi como as pessoas são diferentes. E cada um pode ser o que quer ser”.

3.5 Análise dos objetivos

3.5.1 Primeiro objetivo: Analisar como é vista a diversidade cultural pelos educandos.

A visão dos alunados a respeito da diversidade cultural, mostra-se como um tema novo. Os alunos em sua maioria, desconhecem o significado de “diversidade cultural”, muito embora alguns temas sejam tratados com frequência em sala de aula, como racismo e culturas. A temática é vista como um assunto complexo diante das opiniões que divergem sobre as diferenças. Os educandos se mostram abertos a aprender sobre os temas abordados dentro desse contexto e apresentam opiniões divergentes, oriundas de conceitos formados através da escolha religiosa ou da educação familiar.

3.5.2 Segundo objetivo: qual é o nível de conhecimento dos alunos sobre diversidade cultural?

O nível de conhecimento dos alunos sobre os temas, apresenta uma considerável variação. Na 6ª série, o nível de conhecimento foi considerado o de maior graduação, tendo uma queda gradativa na sétima série e na oitava série também, embora na última, os alunos tenham apresentado um comportamento crítico e bastante consciente sobre as diferenças, sendo notável através de relatos que a origem de tais conhecimentos sejam oriundos de experiências entre alunos e amigos em seu convívio social.

3.5.3 Terceiro objetivo? Quais os fatores subjetivos que auxiliam ou dificultam a aplicação do tema em sala de aula?

A aplicação dos diversos temas através de diferentes atividades é tratado com curiosidade pelos alunos, o que auxilia consideravelmente. Os fatores que dificultam baseiam-se nos preconceitos que são reproduzidos pelos alunos. A intolerância religiosa é um dos grandes vilões, visto que é notório a repugnância de alguns alunos por algumas religiões, especialmente as de origem africana, como o camdomblé. Sem contar que a intolerância religiosa também serve de ponte a um outro tipo de preconceito, como as fobias da sexualidade, uma vez que, algumas religiões condenam a união de pessoas do mesmo sexo gerando uma série de conflitos.

3.5.4 Quarto objetivo: Quais o impactos da sua abordagem na formação social dos alunos?

A finalidade do presente trabalho reside no desejo de ver as diferenças sendo encaradas como elementos de integração e não de segregação, como comumente tem ocorrido. A reflexão sobre a necessidade da abordagem sobre diversidade cultural em

escolas teve origem, a partir da análise da homogeneidade cultural que ainda predomina, tendo como base padrões e estereótipos socialmente impostos. Conforme salienta Grignon (1995) e Canen (1997), trata-se de reconhecer a existência e a importância de culturas que diferem da cultura dominante, legitimada.

Através deste trabalho de aprendizagem colaborativa foi possível perceber de perto, a importância de trazer até a sala de aula a abordagem sobre diversidade cultural, tendo em vista um considerável número de conflitos que se repetem nas instituições escolares em decorrência da reprodução de preconceitos que vigora. Tanto no espaço escolar como a reprodução desses conflitos que se estendem ao ambiente familiar e social e vice-versa. Sendo a escola o espaço de aprendizagem institucionalizado, deve ter como prioridade, educar os alunos desde a formação inicial, intelectual e comportamental através de abordagens que enfatizem a sensibilidade a cidadania e a solidariedade. Através das atividades propostas em sala de aula foi possível observar os impactos causados pela realização deste trabalho através das abordagens, opiniões e questionamentos dos alunos, principalmente através da análise das respostas obtidas através do questionário. Foi observado uma ampliação na visão dos alunos a respeito dos temas que envolvem a diversidade cultural, revelando uma reflexão sobre as pessoas e suas diferenças, assim como, sobre a possibilidade de desconstrução dos preconceitos através do conhecimento sobre as diferenças.

Através das respostas do questionário, os educandos de forma geral, apresentaram que possuíam conhecimento anterior apenas sobre racismo, religião e cultura e que os diversos temas tratados (xenofobia, sexismo, etarismo, etc) trouxeram uma visão mais ampla sobre si e sobre os outros, bem como, a forma de ver e tratar as pessoas.

3.6 Análise geral sobre as respostas dos alunos e professores aos questionários

3.6.1 Análise sobre as respostas dos alunos

As respostas revelam que os alunos incluem, de certa maneira, na função por eles incubido ao professor, a contribuição de estimular e apresentar oportunidades à reflexão sobre realidade social e suas diversidades. Este tipo de visão revela que ocorre contribuições sob a ótica da diversidade cultural através dos educadores, mas ainda de uma forma tímida e indireta.

De tal modo, concluiu-se, com o presente estudo, a potência da não-identidade rumo a construção de estratégias pedagógicas de valorização da diferença, enfatizando a

luta antirracista/antissexista/anti-xenofóbica e indagando sobre as relações pautadas em preconceitos e comportamentos discriminatórios.

3.6.2 Análise sobre as respostas dos professores ao questionário

Os resultados obtidos trazem a resolução de que os professores mantêm relacionamentos harmônicos com os alunos, e se dedicam a estender os laços docentes a realidade daqueles em sua convivência familiar, com o fim de poder auxiliá-los em suas dificuldades de aprendizagem. Os professores apresentam-se atualizados no que tange a suas disciplinas, bem como a necessidade da ampliação da abordagem sobre a temática diversidade cultural. Contudo, na instituição em que foi realizada esta pesquisa, os temas que são abordados limitam-se a abordagens relacionadas ao racismo, cultura afro e indígena. Cumpre salientar que a integração de alunos de distintas culturas, etnias ou religião, encontra-se presente na escola, mesmo que ainda de forma tímida, muito embora os professores têm contribuído para essa sonhada integração através de suas atitudes, com a abordagem de projetos pedagógicos no âmbito da temática multicultural de forma interdisciplinar em suas turmas. A busca por esta inserção multicultural é auxiliada pela conscientização dos docentes sobre a importância da diversidade cultural por considerarem um fator de enriquecimento no desenvolvimento integral dos educandos neste processo de inclusão e igualdade.

Considerações finais

Acreditamos na impulsão e ampliação de uma educação questionadora, em contraposição a repetição do sistema de educação vigente e que surge como uma alternativa para se refletir a maneira como o sistema em seu aspecto histórico, alicerçou a exclusão dos grupos marginalizados. Respeitar as diferenças é “expandir o potencial da vida humana e as possibilidades democráticas” (GIROUX, 1999: pág. 47).

Não se pode olvidar que a educação deve ser estruturada e posta em prática enfatizando a igualdade e a participação de todos, de forma que os conteúdos curriculares dialoguem com as diferentes manifestações culturais presentes na sociedade brasileira e no ambiente educacional.

Isto é, a escola que considera-se em seus princípios como democrática, precisa de forma urgente, agregar nos conteúdos curriculares os saberes, evidenciando os diferentes membros que compõem o seu espaço.

Nesse contexto, a finalidade com a realização deste trabalho foi identificar a existência da Diversidade Cultural presente na rotina escolar. Ao analisar-se o que ocorre no recinto escolar por meio de fatos vivenciados pelos professores e alunos, observa-se que há algumas mudanças no que tange as conhecidas reproduções discriminatórias e preconceitos que a sociedade alimenta. Nota-se que os educadores estão conscientes e desenvolvendo práticas para superar essas diferenças, embora ainda ocorram de forma secundária. Nesse sentido Giroux e Simon (1994, 98) afirmam que:

a realidade concreta das salas de aula permite perceber como o trabalho de um professor, em um contexto institucional, determina qual o tipo de conhecimento vale mais, para qual direção deveríamos voltar nossos desejos, o que significa saber alguma coisa e, finalmente, como poderíamos formular representações de nós mesmos, dos outros e de nosso ambiente físico e social.

Os educadores desenvolvem temas transversais, entretanto, não raramente encontram resistência para trabalhar a diversidade, visto que, os educandos trazem conceitos já interiorizados que demandam explicações mais profundas dos educadores com o fim de despertar as origens dos preconceitos e discriminações.

Contudo, é notório que uma grande parte dos educadores ainda não possuem o conhecimento ou capacidade suficiente para abordar o tema sobre o preconceito e a discriminação no espaço escolar e desta forma, não podem trazer esclarecimentos profundos a respeito do tema.

Neste horizonte de reflexões, registra-se a importância da formação inicial e continuada dos professores e os pressupostos fundamentais que devem orientar os padrões de qualidade, salientando no conteúdo do currículo alguns elementos de formação, essencialmente articuladas entre si, conforme Américo Nunes Peres afirma:

- a formação cultural, social e ética que abrange, em complemento ao contributo que para o efeito as outras componentes devem dar, a sensibilização para os grandes problemas do mundo contemporâneo, o alargamento a áreas do saber e cultura diferentes das da sua especialidade de docência, a reflexão sobre os problemas éticos que se colocam na atividade docente, bem como dimensões instrumentais relativas à procura, organização e comunicação da informação, incluindo o recurso às tecnologias de informação e da comunicação e ao conhecimento de línguas estrangeiras;
- a formação na especialidade da(s) área(s) de docência que integra unidades curriculares com a diversidade e profundidade adequadas à obtenção de formação de base na área do curso e em áreas do saber conexas para o desempenho profissional nos níveis de docência para que o curso habilita;
- a formação educacional que abrange as didáticas específicas da área de docência para que o curso habilita e outros domínios do saber sobre educação, relevantes para a compreensão do ato educativo, incluindo uma perspectiva de atenção à diversidade;
- a iniciação à prática profissional que inclui a observação, colaboração, intervenção, análise e reflexão sobre

situações educativas. (www.fenprof.pt › FENPROF › Opinião. Acessado em 12/08/2011).

O contato do pesquisador com educadores e alunos possibilitou por em avaliação o tema, para se chegar á sua essência e as suas consequências. Através das informações obtidas por meio da junção de dados, houve a percepção de que existe na escola uma diversidade cultural que precisa ser mais abordada pelo educador para que possa construir e ampliar o potencial dos alunos.

A escola como instituição, compete desprender-se das práticas conservadoras e discriminatórias, e passar a enfatizar práticas pedagógicas que incluam todos os indivíduos, independente de cor, orientação sexual, religião, aderindo a um forma de ensino contextualizada pautada por valores e aberta a transformações paradigmáticas.

A instituição de leis não é suficiente, se não ocorrer a mudança de ótica e de práticas de ensino. Conforme o exposto conclui-se que o objetivo deste trabalho é investigar práticas, abordagens, percepções, dúvidas e preconceitos que apresentem claramente a realidade vivenciada por professores e alunos no espaço escolar e suas relações com a pluralidade cultural e a partir da investigação trazer os esclarecimentos necessários a compreensão do pesquisador, com a finalidade de trazer a público como a diversidade cultural está sendo abordada no espaço escolar, bem como o que representa para os nossos futuros cidadãos.

BIBLIOGRAFIA

ABRAMOWICZ, Anete. **Trabalhando a diferença na educação infantil**. São Paulo: Moderna, 2006.

ARROYO, M. G. **A pedagogia multirracial popular e o sistema escolar**. In: GOMES, N. L. (Org.). Um olhar além das fronteiras: educação e relações étnico-raciais. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 11-130.

ATAÍDE, Y. D. B; MORAIS, E. S. A (Re) **Construção da Identidade Étnica AfroDescendente a partir de uma proposta alternativa de educação pluricultural**. Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 12, n. 19, p. 81-98, jan./jun., 2003.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues, **A Educação como Cultura**. Campinas: Mercado das Letras, 2002.

BRASIL. Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Diário Oficial da União, 1º jan. 2003. Disponível em: <www.mp.rs.gov.br/infancia/legislacao/id221.htm>. Acesso em: 13 jun. 2004.

ALTHUSSER, Luis. **Ideologia e aparelhos ideológicos do estado**. Lisboa, Presença / SP: Martins Fonte ALTHUSSER. L. Aparelhos Ideológicos de Estado. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais, apresentação dos temas transversais e ética**. V. O8, Brasília, DF: MEC/SEF, 1997..

CANDAU, Vera Maria. **Educação em direitos humanos: desafios para a formação de professores**. Revista Novamérica, Rio de Janeiro, n. 78, p. 36-39, 1998.

CANDAU, V. M. F. **Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica**. In: MOREIRA, A. F.; CANDAU, V. M. F. (Orgs.). Multiculturalismo: Diferenças Culturais e Práticas Pedagógicas. ed. 4. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. p. 13-37.

CANDAU, Vera Maria Ferrão; MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa. **Educação Escolar e Cultura(s): construindo caminhos**. Revista Brasileira de Educação, Brasil, v. -, n.n.23, p. 156-168, 2003.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CANEN, Ana. **Formação de Professores e Diversidade Cultural**. In: CANDAU, Vera Maria (org.). Magistério: Construção Cotidiana. Petrópolis: Vozes, 1997 a. pp. 205-236.

CAREGNATO, Célia Elizabete e GENRO, Maria Elly (2013), “Educação na e para a diversidade: nexos necessários”, in Célia Caregnato e Luiz Bonbassaro, **Diversidade cultural: Viver diferenças e enfrentar desigualdades na escola**. Erechim: Novello & Cabonelli, pp. 21-34. Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais. Plataforma de Ação. (Parágrafo 3).

CONNEL, R. W. Escuelas y justicia social. Madrid: Morata, 1997.

FREIRE, Madalena. História que começa. Caderno de Pesquisa 56, 1986.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: **saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

_____. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 41ed.2002.

_____. Pedagogia da indignação. **Cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP. 2000.

GIROUX, Henry A. **Cruzando as fronteiras do discursos educacional – novas políticas em educação**. Porto Alegre, Artes Médicas Sul, 1999.

GOMES, Nilma Lino. Diversidade Cultural, Currículo e Questão Racial, 2001.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. **"Os desafios da diversidade na escola"**. in: _____. (org.) Diversidade, cultura e educação: olhares cruzados. São Paulo: Biruta, 2003.

GURGEL, Ângela M. Rodrigues. **Diversidade Cultural**. Disponível em: . Acesso em: 25 abr. 2011.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação Docente Profissional**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

IMBERNÓN, R. (Coord.). La educación en el siglo XXI: los retos del futuro inmediato. Barcelona: Ed. Graó, 1999.

LIBÂNEO, José Carlos. **Diretrizes curriculares da pedagogia: imprecisões teóricas e concepção estreita da formação profissional de educadores.** Educ. Soc., Campinas, vol. 27, n. 96 - Especial, p. 843-876, out. 2006. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>.

MARÍN, J. Globalización, diversidad cultural y practica educativa. Revista Diálogo Educacional, Curitiba: Champagnat. v. 4, n.8, jan./abr. 2003, p. 11-32.

MCLAREN, Peter. **Multiculturalismo crítico.** São Paulo: Cortez, 2000.

MOREIRA, A. F. B. (2001). **Currículo, cultura e formação de professores.** Revista Educar, Editora da UFPR, n. 17, (pp. 39 – 52), Curitiba, Brasil.

MOREIRA, A.F.B. (2001). **Multiculturalismo, currículo e formação de professores.** In Currículo: políticas e práticas. Papirus, (pp. 81 – 96), Campinas, Brasil.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** São Paulo: Cortez, 2001.

RAMSEY, P.G.(1987). Teaching and learning in a diverse world: multicultural education for young children. Nova York: Teachers College Press. Em Susan Stainback e William Stainback (org.). Inclusão: um guia para educadores: trad. Magda França Lopes, (p.289). Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

ROCHA, G.; TOSTA, Sandra. Antropologia & Educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

RÖESCH, Isabel Cristina Corrêa. **DOCENTES NEGROS: um estudo sobre suas histórias de vida.** Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Santa Maria. Centro de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, Santa Maria, 2001.

SACRISTÁN, José Gimeno. **A construção do discurso sobre a diversidade e suas práticas.** In: ALCUDIA, Rosa [et al.], trad. Daisy Vaz de Moraes. **Atenção a diversidade.** Porto Alegre, RS: Artmed, 2002.

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy; NADER, Alexandre Antonio Gilli & DIAS, Adelaide Alves. Subsídios para a Elaboração das Diretrizes Gerais da Educação em Direitos Humanos – versão preliminar. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2007.

SANTOMÉ, J. T. **As culturas negadas e silenciadas no currículo.** In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). Alienígenas na sala de aula. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. p. 159-177.

SCHONORR, Giselle Moura. **Pedagogia do oprimido.** In: Paulo Freire: vida e obra. São Paulo: Expressão Popular, 2001.

SEEHABER, Liliana Cláudia; JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo. Dissertação. PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ Programa de Pós-Graduação em Educação. **Cultura: Lente pela qual se vê o mundo: o universo cultural do professor de ensino religioso.** 2006.

SANTOMÉ, J. T. **As culturas negadas e silenciadas no currículo**. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). *Alienígenas na sala de aula*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. p. 159-177.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidades terminais: as transformações na política da pedagogia e na pedagogia da política**. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. **O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SOARES, M. B. (2003). *Língua escrita, sociedade e cultura: Relações, dimensões e perspectivas*. São Paulo: Revista Brasileira de Educação.

SOUZA, João Francisco. **Atualidade de Paulo Freire: contribuição ao debate sobre a educação na diversidade cultural**. Recife: Editora bagaço. (NUNEP – UFPE). 2001.

TREICHLER, Cary Nelson Paula; GROSSBERG, Lawrence. **Estudos Culturais: Uma Introdução**. In SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). *Alienígenas na sala de aula. Uma introdução aos estudos culturais em educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

WHITAKER, D. C. A. Ideologia x cultura: como harmonizar esses conceitos tão antagônicos? In: Souza, E, M, de M.; Chaquime, L. P. ; Lima, O. G. R (org), **Teoria e Prática nas Ciências Sociais**. Araraquara : UNESP, FCL, Laboratório Editorial; São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2003, p.13-35.

Sites Visitados

Formação de Professores (www.fenprof.pt > FENPROF > Opinião) Consultado em 12-08-2011.

ANEXOS

QUESTIONÁRIO - ALUNOS (AS)

NOME:

NOME QUE DESEJA SER CHAMADO:

IDADE:

INFORMAÇÕES SOBRE A ESCOLA

1-Você se sente acolhido no espaço escolar? (Sim/Não – Porque?)

2- Todos os alunos são tratados igualmente pelos funcionários e professores da escola?

SOBRE OS RELACIONAMENTOS

3-Você possui um bom relacionamento com seus colegas em sala de aula? (Sim/Não – Porque)

4- Os seus colegas costumam tratar-se com respeito diante das diferenças culturais? (Sim/Não – Cite um fato)

ATIVIDADES DESENVOLVIDAS EM SALA DE AULA PELO(A) PROFESSOR(A)

- O tema diversidade cultural é abordado em sala de aula pelos professores? (Sim/Não – Quais temas são abordados?)

O TRABALHO DE APRENDIZAGEM COLABORATIVA

5 – Qual é a sua opinião sobre esse trabalho desenvolvido em sala de aula, abordando os sujeitos da diversidade cultural e suas vulnerabilidades? (Bom/Ruim – Excelente/Péssimo)

6 – O que aprendeu com esse trabalho em que foi abordado o tema “diversidade cultural”?

7 – Já conhecia os temas que foram desenvolvidos? (Sim/Não – Quais temas você conhecia?)

8 – Dentre os temas tratados, gostou de algum em especial? (Qual – Porque?)

9 – Considera que os temas em destaque neste trabalho (Xenofobia, sexismo, racismo, intolerância religiosa, morfofobias, elitismo, fobias da sexualidade e etarismo), irão contribuir para sua formação como cidadão? (Sim / Não – Porque)

10 – Os assuntos abordados foram abordados em casa com seus pais, amigos ou parentes? (Qual é a opinião deles sobre o tema?)

11 – O desenvolvimento desse trabalho trouxe alguma mudança na sua forma de “se ver” e ver os outros ? (Sim/ Não – Porque?)

2 – QUESTIONÁRIO PROFESSORES

ENTREVISTA COM O PROFESSOR

DADOS PESSOAIS

NOME:

FAIXA ETÁRIA: De 25 á 30 () de 31 a 40 () de 41 a 50()
de 51 a 60()

FORMAÇÃO ACADÊMICA: NIVEL MÉDIO / MAGISTÉRIO () GRADUAÇÃO
EM PEDAGOGIA () GRADUAÇÃO EM OUTRA LICENCIATURA ()
ESPECIALIZAÇÃO () MESTRADO ()

TEMPO DE DOCÊNCIA NO MAGISTÉRIO:

TEMPO DE TRABALHO NA ESCOLA:

CARACTERIZAÇÃO DOS ALUNOS

1 - FAÇA UMA DESCRIÇÃO DAS CARACTERISTICAS DOS SEUS ALUNOS :
COMO SE COMPORTAM DURANTE AS AULAS, COMO SE VESTEM, SE SÃO
PARTICIPATIVOS OU NÃO, QUAL A LINGUAGEM QUE UTILIZAM, QUAIS
OS GOSTOS E PREFERÊNCIAS COM RELAÇÃO A ATIVIDADES E MÚSICAS.

.....

2 – A ESCOLA OFERECE ATIVIDADES INTERDISCIPLINARES COM OS PAIS
DOS ALUNOS?(SEMINÁRIOS OU OFICINAS). VOCÊ ACHA QUE SERIA
INTERESSANTE INCLUÍ-LOS? VOCÊ ACHA QUE OS PAIS SERIAM
PARTICIPATIVOS?

.....

3 - QUAL CARACTERISTICA VOCÊ ADMIRA NELES? E QUAL VOCÊ NÃO
APRECIA?

.....

• RELAÇÃO PROFESSOR X ALUNOS

A)COMO É O SEU RELACIONAMENTO COM OS(AS) ALUNOS(AS)? EXISTE
DIFICULDADES DE RELACIONAMENTO?

.....

B) OS(AS) ALUNOS(AS) TEM UM BOM RELACIONAMENTO ENTRE ELES? O QUE FAZ PARA MELHORAR O RELACIONAMENTO ENTRE ELES?

.....

• PRÁTICA PEDAGÓGICA

1 – Todas as atividades são desenvolvidas igualmente com todos os alunos? você percebe dificuldades individuais de compreensão? são oferecidas alternativas a estes alunos que apresentam dificuldades? quais são?

.....

.

2 - Você utiliza critérios para formação de grupos em sala de aula?

.....

3 – Fazendo uma breve análise, você acha que os alunos levam para a prática cotidiana as atividades desenvolvidas em sala de aula?

.....

4 – Como é interpretada a integração da diversidade cultural em contexto escolar, sob a sua ótica enquanto docente?

.....

5 – Concorda que as práticas docentes poderão contribuir para uma perda das raízes do grupo minoritário que se tem na sala, visto que misturados com a cultura dominante? (sim/não –porquê?)

.....

6 – Há o desenvolvimento de atividades com os alunos através de práticas que estimulem a interação entre culturas? (sim/não – quais?)

.....

7- Concorda que atividades complementares de formação sobre o contexto da pluralidade cultural poderão ser um auxílio na sua prática pedagógica, e um elemento facilitador de integração na sala de aula? (sim/não – porque?)

.....

7 – Participou de atividades de formação sobre a temática “Diversidade Cultural”? (sim/não – de que forma?)

.....

